

A presença da angústia heideggeriana no conto “O Muro”, de Sartre

The presence of Heidegger's anguish in the short story “The Wall”, by Sartre

Gabriel Engel Ducatti¹

Resumo: Em “Que é Metafísica?” (1983), texto publicado primeiramente em 1929, Heidegger exemplifica situações nas quais o homem consegue encontrar-se no ente em sua totalidade; bem como, diz que no cotidiano há uma unidade de tal totalidade do ente que, através de algumas disposições de humor, pode ser percebida. Tais disposições levam o homem a ocultar o nada, mas haveria a possibilidade rara e curta de, no ser-aí do sujeito, ele ser levado ao encontro com o nada, quando na disposição da angústia. A angústia seria, dessa forma, um modo de colocar o ente em suspenso a fim de encarar o nada. O presente trabalho surge com a intenção de aproximar a obra citada de Heidegger com o conto “O Muro” (1966), de Jean-Paul Sartre, que tem como personagem principal Pablo Ibbieta, narrador em primeira pessoa que se encontra refletindo em suas últimas horas de vida e que revela características da angústia heideggeriana.

Palavras-chave: Angústia. Nada. O Muro.

Abstract: In "What is Metaphysics?" (1983), first published in 1929, Heidegger exemplifies situations where the man can find himself in the entity in its entirety; as well as, says that in everyday life there is a unity of such totality of being that, through some provisions of humor, can be perceived. Such provisions lead man to hide the nothingness; but there would be the rare and short possibility, in the being-there of the subject, to be brought to the meeting of nothingness, when in the disposition of anguish. Anguish would thus be a way of putting the being in suspended in order to face to the nothingness. This paper comes up with the intention of approaching the mentioned work of Heidegger with the short story "The Wall" (1966), by Jean-Paul Sartre, whose main character Pablo Ibbieta, first-person narrator who is reflecting in his last hours of life and reveals characteristics of this heideggerian anguish.

Keywords: Anguish. Nothingness. The Wall.

* * *

1. Introdução

A influência de Martin Heidegger na filosofia de Jean-Paul Sartre é inegável. Badiou (2015, p. 11), por exemplo, defendendo a forte influência dos alemães para a filosofia francesa do século XX, diz que “Sartre, [...] modificou completamente sua

¹ Graduando em Filosofia pela UNESP-Marília; Bacharel em Direito pelo Centro Universitário Toledo Prudente. E-mail: gabriel_engeld@hotmail.com

perspectiva quando, durante uma temporada em Berlim, leu as obras de Husserl e Heidegger diretamente no texto. “Assim, percebe-se que uma possível aproximação de tais pensadores não é algo tão alheio.

Em uma breve contextualização, foi quando Heidegger parou de lecionar na Universidade de Marburg, em 1928, tendo retornado à Universidade de Freiburg e assumido a cátedra de Filosofia até então ocupada por Edmund Husserl, que profere sua aula inaugural de título *Que é Metafísica?*, que, ainda em 1929, é publicada (GILES, 1975, p. 189). Talobra buscou responder à pergunta do título, mas também trouxe questões interessantes para reflexão.

Conforme Stein (1983, p. 29), a questão do ser é trabalhada a partir do nada, bem como toda a problemática metafísica deve ser pensada do homem, mesmo que nele não deva parar. Heidegger procura pensar tal homem em sua dimensão que se revela na sua existência enquanto transcendência, manifestando o ser quando na presença do nada. Já o conto de Sartre, publicado pela primeira vez em 1939, por ser uma obra literária e se preocupar com questões filosóficas, convida o leitor para imergir numa situação extrema e o faz sentir-se como os personagens que, em plena Espanha em guerra, são presos e condenados à morte.

Este trabalho não se propõe a fazer uma análise do livro do Heidegger ou do conto do Sartre. Em verdade, tais textos são de grande peso para a filosofia e literatura mundiais, com reflexões que poderiam se estender por folhas e folhas. Entretanto, o que se pretende é refletir sobre *O Muro* a partir de certas concepções da obra heideggeriana, ou melhor, perceber certas influências e um possível “trazer para a realidade”, utilizando a literatura e algumas ideias presentes principalmente em *Que é Metafísica?*, tendo foco o conceito de angústia. Para isso, parte-se de uma breve explicação do contexto de ambas as obras citadas, para, em seguida, fazer uma explicação sobre o conceito de angústia em Heidegger e, por fim, traçar comparações entre tal conceituação e características presentes no conto de Sartre.

2. A angústia em “que é metafísica?”

A angústia é um sentimento que, comumente, se faz presente na literatura existencialista e na própria vida cotidiana. Não há quem nunca se angustiou ou quem nunca se angustiará.

Para Heidegger (1983, p. 38-9), alguns sentimentos levam o homem a se encontrar e se ver imerso no ente em sua totalidade, como no tédio ou na alegria da existência de outra pessoa. Entretanto, isso apenas revelaria o ente em sua totalidade, pois já se está imerso nele, mas esconderia o nada. Assim, para o autor, a disposição de humor fundamental da angústia seria o modo que levaria o ser à disposição do nada. A angústia se difere dos outros sentimentos, pois é o único que tem por característica essencial a impossibilidade de determinação do que e por que; ou seja, não há como determinar o motivo da angústia no ente, como aconteceria com o temor, que é sempre em relação a algo do mundo (HEIDEGGER, 1983, p. 38-9).

Conforme Julia (1969, p. 20), a sensação da angústia seria um medo indeterminado, que não se refere a algo; seria todo o psiquismo do homem abalado. Tal sensação então se difere das outras pois é a única que se faz independente do ente, que não é relacional a ele. Seria, portanto, o encontro do ser com o nada. De fato, não se pode afirmar que o temor seja somente um sentimento interno, uma vez que, ao temer, abre-se uma possibilidade, descobre-se em um mundo novo de ameaças em potencial, em que o ser é lançado e percebe também a conjuntura de entes que o envolve; fato este que não ocorre na angústia, que, pelo contrário, não se relaciona com o intramundano, mas com o mundo, com o ser-no-mundo; não há um mal definido, não há conjunturas pois não há ente intramundano. Angústia “[...] despe o mundo de sua totalidade de envolvimento, de significação, [...]”. *Angst* faz com que achemos tudo ‘estranho’ (*unheimlich*, lit. ‘sem lar’), e assim nos sentimos ‘fora de casa [*Un-zuhause*]’ no mundo” (INWOOD, 2002, p. 7-8).

Pensa Heidegger que na angústia ocorre um retroceder diante de..., que seria, em verdade, uma quietude fascinada. Tal retroceder se iniciaria com o nada, que tem por peculiaridade a rejeição, ou seja, não atrai para si próprio; e, esta rejeição é um remeter ao ente em sua totalidade que vai desaparecendo. Tal remissão que rejeita e remete ao ente enquanto em fuga é essência do nada (HEIDEGGER, 1983, p. 40).

Ao que se percebe, há grande importância da angústia na filosofia heideggeriana por ela conseguir se diferenciar quando, ao ser apercebida, permite escoar e revela o Nada ao homem, tirando-o do familiar e descobrindo o mundo vazio (INWOOD, 2002, p. 8).

3. “O Muro”

Jean-Paul Sartre foi um filósofo que se propôs a fazer filosofia também a partir da literatura, o que fez dele um dos maiores escritores do século XX.

Ele se preocupava em tratar nas suas obras literárias sobre temas de sua filosofia, ou seja, questões fundamentais da condição humana, trazendo de certo modo para a prática dos personagens reflexões e situações existenciais. O conto *O Muro* tem como personagem principal e narrador Pablo Ibbieta, republicano espanhol que, ao ser preso e condenado à morte com mais duas pessoas, começa a refletir e ter sentimentos que até então não havia tido; sensações e percepções que aparecem quando se vê no fim da vida e que são características do pensamento do autor.

Conforme Pessanha (1984, p. 12), o próprio Sartre viveu situação semelhante quando foi preso num campo de concentração nazista em 1940. Ao ser libertado, deixa de ser um “escritor que resistia” e se torna um “resistente que escrevia” (SASS, 2009, p. 337), numa espécie de literatura de resistência contra a Alemanha nazista.

No conto, a narrativa começa quando os personagens Juan, Pablo e Tom são jogados numa sala branca, onde são interrogados e analisados por oficiais que, posteriormente os prendem em um porão de hospital que serve como cela.

No porão, recebem a sentença de pena de morte a ser aplicada na manhã seguinte. Com tal notícia, as reflexões de Ibbieta se acentuam e ele começa a se questionar e perceber certas sensações diferentes no seu mundo e em si.

4. A angústia de Pablo Ibbieta

Alguns trechos do conto são fundamentais para se fazer entender e comparar com a angústia pensada por Heidegger.

Na trama, após receberem a sentença de morte, um médico foi mandado para acompanhar a última noite dos três naquele porão e, assim, Pablo Ibbieta reflete:

La continuar, mas de súbito aconteceu algo que me surpreendeu: a presença daquele médico cessou bruscamente de me interessar. Geralmente, quando pego um homem, não o largo mais. Entretanto, o desejo de conversar me abandonou; sacudi os ombros e desviei os olhos. (SARTRE, 1966, p. 15)

Desse modo, pode-se identificar em tal trecho um começo, ou talvez um apontar para angústia, uma vez que, preso em um porão de hospital e ciente do fuzilamento na manhã seguinte, Pablo se sente estranho e começa a perceber de forma diferente as coisas a sua volta. Ora, algo de súbito lhe surpreendeu e o fez se desinteressar por algo que normalmente lhe era interessante. Começa aí o abandono pelo interesse no ente que, trechos depois se evidencia quando Ibbieta revela que:

Olhei durante algum tempo o disco de luz que o lampião projetava no teto e fiquei fascinado. Depois, bruscamente, voltei a mim, a roda luminosa desapareceu e me senti esmagado de um peso enorme. Não era o pensamento da morte, nem o medo; era uma coisa sem nome. As faces queimavam e sentia uma dor na cabeça. (SARTRE, 1966, p. 15).

Heidegger pensa o nada como o véu do ser e a partir do homem, em uma dimensão humana que se revela na própria existência, que é transcendente. Então, homem é quem consegue manifestar o ser, e isso se dá pela experiência do nada, que não tem a ver com niilismos ou pessimismos, mas com o próprio modo de se desprender da condição objetivista e alcançar a transcendência (STEIN, 1983, p. 29-30). Assim, dito de outro modo, para se estar consciente dos entes enquanto entes, é necessário se desprender deles e perceber o que falta, o não aí, o nada; ou seja, seria através da disposição de humor da angústia que se transcende dos entes particulares para o mundo puro, em sua totalidade (INWOOD, 2002, p. 124). E, ainda conforme Stein (1983, p. 30), é nesse contexto que se deve entender a angústia heideggeriana, não como estado ou sentimento, mas com dimensão transcendental; um acontecer no ser-aí que realiza a experiência do sujeito com o nada.

No trecho do conto acima citado pode-se dizer que ocorreu esse tipo de experiência. Ibbieta parece se desprender da realidade em suas reflexões de um homem condenado à morte preso num porão de hospital; seria o acontecer da angústia. O personagem então começa a descrever certas características físicas e mentais que reforçam a experiência sentida, como por exemplo o corpo todo suado em pleno inverno, deixando-o todo molhado sem que Pablo houvesse sentido; bem como, ao pensar em esbofetear o médico, reflete Ibbieta que: “[...] minha vergonha e minha cólera desapareceram; caí sobre o banco com indiferença” (SARTRE, 1966, p. 16).

A indiferença pode ser entendida como ausência de sentimentos ou interesses pelas coisas. E é em tal ponto que Heidegger desemboca quando, ao começar a definir angústia, aborda a estranheza:

Na angústia – dizemos nós – “a gente sente-se estranho”. O que suscita tal estranheza e quem é por ela afetado? Não podemos dizer diante de que a gente se sente estranho. A gente se sente totalmente assim. Todas as coisas e nós mesmos afundamo-nos numa indiferença. Isto, entretanto, não no sentido de um simples desaparecer, mas em se afastando elas se voltam para nós. Este afastar-se do ente em sua totalidade, que nos assedia na angústia, nos oprime. Não resta nenhum apoio. Só resta e nos sobrevêm – na fuga do ente – este “nenhum”. A angústia manifesta o nada. (HEIDEGGER, 1983, p. 39).

De fato, não houve um simples desaparecer das coisas para Ibbieta, mas sim um afastar-se do ente. O peso inominado que o esmagou após observar a luz do lampião, que não era medo nem o pensamento de morte, aparece como esse voltar-se das coisas para o ser na experiência da angústia.

“E como eu ia morrer mesmo, nada mais me parecia natural, nem o monte de carvão, nem o banco, nem a carantonha de Pedro” (SARTRE, 1966, p. 20), disse Pablo, revelando que a iminência da morte trouxe certa sensação de abandono com a existência e uma possível resignificação de sua vida.

Pode-se dizer que a partir de tal parte do enredo os três personagens condenados perdem certas peculiaridades que são comuns ao homem. Há um trecho que segue em que o médico se aproxima de Juan e o toca, tendo este olhado fixamente a mão do doutor até que a pegou e a levou a boca e tentou mordê-la, ao passo que o médico se desvencilhou e olhou para os demais com horror. Pablo Ibbieta, observando o ocorrido, diz que o médico “[...]”

devia ter compreendido de repente que não éramos mais homens como ele. ” (SARTRE, 1966, p. 22).

Ibbieta abandona até a própria concepção de bem ou mal, revelando ainda mais certas peculiaridades de seu estado, conforme escreveu Sartre, na pele do narrador: “Levantei-me, andei de um lado para o outro e, para afastar aquelas ideias, comecei a pensar no passado. Uma onda de lembranças surgiu em confusão. Havia as boas e más – ou pelo menos eu as considerava assim antes. “ (SARTRE, 1966, p. 22).

Do mesmo modo que desaparecem as concepções de Bem e Mal quando nessa “suspensão” do ente, também desaparece o interesse pelo amor, pelo desejo, etc.; ao que, no conto, ao ser interpelado sobre sua amada, disse Ibbieta que: “Ainda na véspera daria um braço direito para vê-la cinco minutos. [...]. Agora, entretanto, não tinha vontade de revê-la, nada tinha a mais a lhe dizer. Não queria nem mais toma-la em meus braços. “(1966, p. 24). Pablo parece escoar do ente; suas concepções se afastam, seus desejos intramundanos desaparecem, é como o ir desprendendo-se do mundo e, portanto, revelar o Nada.

O personagem narrador encontra-se quieto, não tem mais o que dizer e nem pensar sobre o antes. Parece estar imerso totalmente no momento em que vive e desconectado de qualquer vínculo anterior àquilo. Reforça ainda mais seu estado de indiferença quanto a tudo; alega não possuir mais amarras com o mundo, que estava calmo, mas:

Era, porém, uma calma horrível – por causa do corpo; enxergava com seus olhos, ouvia com seus ouvidos, mas não era mais eu; ele suava e tremia sozinho e não o reconhecia. Fui obrigado a tocá-lo e a olhá-lo para saber o que tinha acontecido com ele como se fosse corpo de outro. Sentia-o ainda por momentos, sentia como escorregamentos, uma espécie de queda, [...]. (SARTRE, 1966, p. 25).

Tal momento no texto pode ser considerado como a plena suspensão do ente; momento que Heidegger havia dito ser raro e por curto prazo. Pablo Ibbieta transcende quando no encontro com nada, nada este que

[...] não é nem um objeto nem um ente. O nada não acontece nem para si mesmo nem ao lado do ente ao qual, por assim dizer, aderiria, O nada é a possibilidade da revelação do ente enquanto tal para o ser-aí humano. O nada não é um conceito oposto ao ente, mas pertence originariamente à essência mesma (do ser). No ser do ente acontece o nadificar do nada. (HEIDEGGER, 1983, p. 41).

Assim, pode-se afirmar que, mais que a angústia, a própria questão do nada é trazida e tratada no conto de Jean-Paul Sartre, pois de certa forma ambas estão relacionadas em suas essências.

5. Conclusão

Após tais apontamentos e reflexões sobre o texto, fica claro o desinteresse pelas coisas no personagem Pablo Ibbieta, do conto *O Muro*.

Pensando o senso comum tem-se que, em situação semelhante a essa do texto, ou seja, a de refletir frente à morte, pode significar, normalmente, o temor, a tristeza profunda, pois não terá mais acesso às coisas do mundo, aos amores, aos sentimentos e à vida. A saudade seria uma constante, talvez, mas não foi o trazido em tal obra. Sartre busca romper com tal senso comum e narra os condenados imersos em suas existências; angustiados e, quando na presença do nada, transcendem a existência deixando o ente em sua totalidade “suspenso”.

A angústia que transcende, pensada em *Que é Metafísica?*, faz-se presente no enredo do pensador francês, que, de fato, demonstra certas influências e convergência com Heidegger. A partir do momento em que se consegue perceber tais pontos em comum em obras de dois dos maiores pensadores do século XX, pode-se dar um aspecto talvez mais abrangente na leitura. Ora, pensar Pablo Ibbieta como exemplo da metafísica heideggeriana é algo que transcende o texto, mas que não perde sua importância enquanto história, seja da filosofia ou da própria literatura.

Referências

- BADIOU, A. *A aventura da filosofia francesa no século XX*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. Tradução: Antônio Teixeira, Gilson Iannini.
- GILES, T. R. *História do Existencialismo e da Fenomenologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975.
- HEIDEGGER, M. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. (Os Pensadores). Tradução, introdução e notas de Ernildo Stein.
- INWOOD, M. *Dicionário Heidegger*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002. Tradução: Luísa Buarque de Holanda; revisão técnica. Márcia Sá Cavalcante Schuback.

JULIA, D. *Dicionário de Filosofia*. Rio de Janeiro: Larousse do Brasil, 1969. Tradução: José Américo da Motta Pessanha.

PESSANHA, J. A. M. Vida e Obra. In: SARTRE, Jean-Paul. *O Existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de Método*. São Paulo: Abril Cultura, 1984. p. 7-14. (Os Pensadores).

SARTRE, J.-P. *O Existencialismo é um Humanismo; A imaginação; Questão de Método*. São Paulo: Abril Cultura, 1984. (Os Pensadores). Seleção de textos: José Américo Motta Pessanha; traduções de: Rita Correia Guedes, Luiz Roberto Salinas Fortes, Bento Prado Junior.

_____. *O Muro*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S. A., 1966. Tradução: H. Alcântara Silveira.

SASS, S. D. *A Linguagem Sartreana*. In: CARNEIRO, Marcelo Carbone; GENTIL, Hélio Salles. *Filosofia Francesa Contemporânea*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 337-347.

STEIN, E. Nota do Tradutor. In: HEIDEGGER, Martin. *Conferências e Escritos Filosóficos*. 2. ed. São Paulo: Abril Cultura, 1983. p. 27-31. (Os Pensadores).